

ACERVO DE MEMÓRIA E TRADIÇÕES ORAIS DA BAHIA: O FEMININO NAS NARRATIVAS ORAIS.

Sirlai Gama de Melo¹

Resumo: Partindo do pressuposto que toda pesquisa segue critérios preestabelecidos para o alcance de seus objetivos, o pesquisador das oralidades e das culturas populares precisa ter um olhar sensível frente ao que está analisando e discutindo, uma vez que lida com sujeitos e as memórias afetivas deles (aspectos da esfera do privado). Quando há uma escolha em fazer uma pesquisa de campo, tais critérios e até metodologias de pesquisa se diferem em relação a outros métodos de pesquisa, como por exemplo, o bibliográfico. Sendo assim, o artigo em questão visa propor uma reflexão sobre o posicionamento do pesquisador das poéticas orais, principalmente no que tange às narrativas orais de mulheres; a importância da criação e escolha de acervos como uma das opções para preservação dos materiais coletados através das pesquisas; por fim, apresentar informações a respeito do Acervo de Memória e Tradições Oraís da Bahia (UNEB/Campus II). Para tanto, será feita uma pesquisa de natureza qualitativa bibliográfica através do estudo de textos teórico-críticos de autores como: Ayala (2015), Costa e França (2013), Derrida (2001), Souza (2002) entre outros que darão suporte e embasamento para a pesquisa. Os resultados obtidos farão parte da dissertação que está em processo de construção.

Palavras-Chave: Acervo de Memória e Tradições Oraís da Bahia. Narrativas orais. Representação feminina.

¹ Mestranda no programa de pós-graduação em Crítica Cultural, Linha de Pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida, orientadora: Edil Silva Costa. Endereço eletrônico: sirlaigama@gmail.com.

NARRATIVAS ORAIS E PESQUISAS DE CAMPO

O presente artigo faz parte do processo de construção da minha dissertação do mestrado que tem como principal objetivo analisar a representação feminina em contos da tradição oral baiana, especificamente os que foram produzidos por mulheres para que, dessa forma, seja possível perceber como essas narradoras representam seu gênero através das personagens. Tais contos estão disponíveis no Acervo de Memória e Tradições Oraís da Bahia (AMTRO), o qual se trata de um meio de arquivamento de materiais orais colhidos no estado da Bahia, com ênfase na região de Alagoinhas, cidade onde fica localizado o Acervo (UNEB/Campus II). Tais materiais são datados há cerca de vinte anos de pesquisa desenvolvida pelos colaboradores/as, dentre eles/as, a coordenadora do Acervo, a professora Dra. Edil Silva Costa. Dessa forma, antes de fazer a análise dessas narrativas, é pertinente trazer algumas informações a mais sobre esse Acervo. Consequentemente foram levantadas outras questões a serem respondidas e desenvolvidas ao longo da minha pesquisa.

Proponho algumas reflexões a respeito do comportamento e posicionamento do pesquisador e pesquisadora que colhem essas narrativas orais, já que os materiais que estão disponíveis no AMTRO são resultados de pesquisas de campo. Cabe sinalizar que tais pesquisas podem assumir um caráter de multidisciplinaridade desde as coletas das narrativas até as análises das mesmas. Além disso, os pesquisadores podem ser de diversas áreas do conhecimento, não se restringindo apenas à Antropologia ou Literatura, embora sejam as recorrentes em realizar pesquisas com as culturas populares. Sujeitos de outros ramos do saber podem se interessar no estudo dessas culturas e para isso, visando uma maior criticidade a respeito daquilo que é pesquisado, terão que pensar

os procedimentos teóricos e metodológicos que se enquadrem no que é proposto, principalmente pelo fato de não estarem lidando com objetos e sim com sujeitos, suas subjetividades, e com as memórias afetivas deles (aspectos da esfera do privado).

Edil Costa e Daiane França (2013) no texto “Por uma cartografia das poéticas da voz na Bahia” enfatizam que quando se trata de ir à campo, o pesquisador precisa ter uma interação e integração com a comunidade pesquisada. A isso pode ser acrescentado o respeito, ou seja, espera-se que possam fazer parte daquele coletivo e tentem compreender o que aqueles sujeitos trazem em suas memórias como marcas de suas vivências e rastros de todo um passado carregado consigo ao longo do tempo. O/A pesquisador/pesquisadora precisa ter um conhecimento prévio a respeito do grupo que irá pesquisar, suas fragilidades, silêncios, que devem ser respeitados. Além disso, o pesquisador pode não ser aceito pela comunidade logo de início, o que requer paciência, para que este não seja encarado apenas como um intruso.

Apesar das dificuldades que possam surgir, cabe ao pesquisador romper com a resistência por parte dos sujeitos a serem pesquisados, tentando manter um ambiente agradável no qual esses sujeitos se sintam à vontade para contar o que quiserem, apesar da presença do pesquisador e dos materiais de trabalho para coleta das narrativas, como gravador e máquina fotográfica. Sem falar também que por ser um momento de interação, muito desses encontros tendem a ter como resultados, além das narrativas colhidas, um vínculo amigável entre as partes constituintes desse processo, ou seja, as pesquisadoras e as narradoras.

Outro ponto importante é a necessidade que o/a pesquisador/a desenvolva uma escuta sensível, principalmente para o diferente, já que quando se vai à campo é preciso, de certa

forma, despir-se de suas ideologias, pré-conceitos, para de fato ouvir aquilo que o outro tem a dizer, sendo isso que irá compor sua pesquisa.

Maria Ignez Ayala em seu texto intitulado “Algumas reflexões sobre formação de pesquisadores, documentação e procedimentos metodológicos” (2015), também apresenta pontos que podem ser levados em consideração no que diz respeito à metodologia empregada pelos pesquisadores das culturas orais e populares. A partir de reuniões com estudiosos da área, também denominadas pela autora como procedimento metodológico de grupos de pesquisa, Ayala (2015) destaca para os integrantes a importância do ouvir, do refletir e do perguntar no momento de ir à campo, partes fundamentais no diálogo com os sujeitos das culturas populares. Tais reuniões eram realizadas não apenas com intelectuais da academia, mas também com trabalhadores que forneciam um aprendizado informal crítico.

Processo semelhante a esse realizado por Ayala (2015) é também praticado na Linha 1 – Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida, através do grupo de pesquisa “Núcleo das Tradições Orais e Patrimônio Imaterial – NUTOPIA”, no qual são realizadas reuniões mensais com o intuito de desenvolver vínculos entre as pesquisas que vêm sendo feitas na temática da tradição oral e imaterial. Tais encontros são parte colaborativa para os pesquisadores que estejam desenvolvendo tanto uma pesquisa de campo, quanto um estudo em que os materiais são oriundos dessas pesquisas. Além disso, o grupo incentiva a participação de mestres do saber, sujeitos vindos de outros lugares fora da universidade, que muito tem a acrescentar no desenvolvimento das pesquisas dos estudantes. Isso é importante destacar porque a manutenção do acervo também conta com os integrantes desse grupo.

Aborda-se também sobre os desafios que podem surgir durante esse tipo de pesquisa, dentre eles, a preservação dos registros fotográficos, sonoros e audiovisuais, reconhecendo o esforço em manter tais arquivos e ainda poder relacioná-los com outros que vão surgindo. Portanto, aquele que deseja tornar-se pesquisadora dessa área precisa saber que as dificuldades podem surgir não apenas no momento da coleta dos dados, na pesquisa de campo, como também depois de ter o material em mãos, como manter em boas condições, evitando que aquilo se perca, mas que sirva de fonte para outras pesquisas a serem realizadas.

Contudo, é importante ressaltar que nesse trabalho não fui à campo coletar as narrativas que serão analisadas. Logo, identifico-me como uma pesquisadora de arquivo, que não passou pelas experiências e dificuldades mencionadas acima. Meus principais dilemas dizem respeito ao próprio encontro com o arquivo no seu contexto de preservação, que por vezes passa pelas dificuldades de acesso, desorganização e outros percalços que podem ocasionar a diminuição da memória disponível no repositório. Essas e outras questões serão explanadas ao longo da minha dissertação.

1 MEMÓRIA E ARQUIVO

Se formos encarar o Acervo como um conjunto de memórias, somos levados a pensar na importante relação entre a memória e a tradição oral. Isso porque as narradoras² possuem uma aguçada capacidade de conservar e lembrar informações pertinentes sobre

² A demarcação do gênero feminino é justificada pelo fato dessa pesquisa em questão ter como recorte especificamente narrativas de mulheres, ou seja, não serão analisadas produções de autoria masculina. O principal propósito disso é permitir uma maior visibilidade dessas narradoras que rompem com discursos falocêntricos e se emancipam através do ato de narrar.

aquilo que será apresentado ao público, desde um conto, uma cantiga, um romance etc.

A pesquisadora das tradições orais, como abordado anteriormente, pode fazer emergir à tona fatos e histórias guardadas na memória dos sujeitos entrevistados. Como essa memória está intimamente ligada à subjetividade de cada um, as narradoras podem possuir diferentes versões para um mesmo conto, por exemplo, já que irão dizer aquilo que sua capacidade psíquica lhes fornece, para além daquilo que lhe foi passado anteriormente. Isso pode possibilitar um aumento do material disponível nos acervos, cada um desses com sua particularidade relativa à memória de quem os produziram.

Além disso, na maioria das vezes que nos remetemos à memória estamos nos referindo ao passado, que pode ser atualizado e presentificado ao longo do tempo, tendo ainda determinadas partes que são deixadas no esquecimento por questões psíquicas ou subjetivas, como quando o próprio sujeito não quer lembrar ou dizer aquilo que ainda está vivo em sua memória. Contudo, o que se quer demonstrar aqui é a revitalização do passado através do uso da memória nas narrativas orais. Quando pensamos na questão dos acervos, podemos tomá-los também como um depósito do passado, não como algo intacto e intocável, mas sim um espaço de revisitação e principalmente de reflexão na medida em que se torna possível estabelecer relações desse passado com o presente.

Acredita-se que através da memória o próprio sujeito pode se refazer através de sua narrativa, por exemplo, e isso poderia ter relação com uma noção de autobiografia, no sentido da mulher se recordar de seu passado, seja ele recente ou no tempo de infância, querer trazer para suas produções marcas que lhe foram

prazerosas para que possa de certa forma reviver aquelas sensações. Em contrapartida, pode negar suas lembranças dolorosas para que não volte a sofrer com elas, ou até mesmo, usá-las como um sinal de resiliência para que apesar do que sofreu, manter sua subjetividade não mais intacta a dor, porém mais resistente a ela.

De uma forma geral, explanar sobre a memória sempre será um assunto extenso e subjetivo para ser discutido, evidentemente pelo fato de a própria memória estar ligada à subjetividade do sujeito. Mas, o que se pretende dizer é que nas diversas memórias possíveis de serem guardadas na mente humana, desde acontecimentos vividos, lembranças de pessoas que passaram pelas nossas vidas, até histórias que ouvíamos quando crianças e que apesar do passar do tempo, não as esquecemos. É justamente sobre essa última que queremos destacar. Tomando como base os contos que estão disponíveis no acervo, observa-se que a maioria das narradoras mantiveram essas histórias que lhes foram contadas em algum momento de suas vidas. O que nos leva a pensar por qual justificativa? Será que porque o momento da contação de história era algo recorrente em sua comunidade, ou será que algum familiar ou ente querido lhes repassou determinada história e a narradora guarda isso como uma lembrança especial, ou ainda será que por se identificar com os personagens daquela história que ela é mantida em sua memória? Independente da justificativa, a memória está ali, viva, prestes a se deixar ser revelada, basta ser instigada para isso.

Dessa forma, partindo do pressuposto que tais narrativas advêm do passado dessas narradoras, elas podem repassar para o público aquilo que ouviram anteriormente. Isso requer uma devida atenção, primeiro porque antes de transmitir a narrativa, essa narradora irá optar em seguir a mesma linha de raciocínio que evoca em sua memória, ou seja, aquele enredo e personagens que

lhes foram contados, sem alterá-los. Contudo, evidentemente que com o passar do tempo, valores e culturas tendem a serem mudados, então, as narradoras também podem revitalizar as narrativas não mais estritamente com os elementos que lhes passaram anteriormente, mas inová-los de acordo com seu atual contexto. A memória permite elos com os tempos passado-presente.

Como estamos falando da memória atrelada ao relembrar, é relevante mencionar sobre os chamados “lapsos de memória”, aqueles esquecimentos que surgem e tendem a serem acentuados com o avanço da idade, mas, para além disso, no âmbito da tradição oral, precisamos trazer aquilo dito por Paul Thompson (1992, p.204) quando afirma que “a maioria das pessoas parece acreditar que todas as lembranças são potencialmente recuperáveis”. Contudo, sabemos que por diversas questões, existirão fatos, pessoas e histórias que não serão lembradas pela nossa memória. Isso é notório quando durante o momento da coleta das narrativas as narradoras possam não se lembrar de todas as partes dos contos, mas relatam aquilo que lembram e que em sua maioria, essa parte supre aquela que está ausente pelo esquecimento, ou seja, a compreensão da história não é afetada em sua integridade.

Em conformidade com as ideias sobre memória, cabe mencionar também a noção de arquivo, segundo Jacques Derrida no livro “Mal de Arquivo” (2001), quando apresenta o sentido da palavra como “origem” ou “poder de uma autoridade”.

Como origem significando autenticidade, os contos, por exemplo, podem ser considerados autênticos na medida em que cada narradora cria narrativas inserindo suas marcas, que podem ser de acordo com suas experiências de vida, âmbito social que

fazem parte, etc. Já sobre o poder de uma autoridade, como sugere a própria expressão, o arquivo fica sob o poder de uma pessoa responsável em preservá-lo, interpretá-lo.

Além disso, a noção de arquivo com a memória é algo primordial na tradição oral. Essa memória pode ser pessoal, variando de sujeito para sujeito, ou histórica, influenciando integrantes de um mesmo grupo social. Silvana Macêdo (2009) argumenta que “há uma constante tensão entre a manutenção e repressão da memória. O mal de arquivo estaria ligado à pulsão de morte, ao apagamento da memória, cujas consequências podem ser psíquicas, sociais e políticas”. No meio desse processo entre o poder e o arquivo, existe também a possibilidade dessa pulsão de morte, na medida em que nem todos os arquivos são selecionados pela autoridade e conseqüentemente, há o apagamento da memória no contexto do arquivamento.

Em suma, pretende-se ressaltar que o arquivo pode funcionar como uma forma de preservação e transmissão da memória. A criação de acervos possibilita que essas memórias, sejam elas em áudio, vídeo ou escritas, possam ser conservadas através dos arquivos ali guardados. Em contrapartida, quanto mais acesso os sujeitos tiverem aos acervos, mais difundidas serão as memórias ali depositadas.

2 ACERVO DE MEMÓRIAS E TRADIÇÕES ORAIS DA BAHIA (AMTRO)

Mesmo não sendo um dos objetivos centrais para o momento, é necessário fazer uma contínua relação com as noções de interculturalidade, pelo fato do estudo estar vinculado a um Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural.

Para isso, conto com a leitura das obras “Crítica Genética e Crítica Biográfica” (2009) e “Crítica Cult” (2002), ambas de Eneida Souza, nas quais a autora fala sobre os acervos serem uma das estratégias para evidenciar os autores das obras. Para minha pesquisa isso é de suma importância na medida em que pretendo trazer um capítulo falando apenas sobre essas mulheres que tomam a atitude e posição de narrar, de contar uma história, mesmo em um contexto e em uma sociedade machista que as impõe numa posição de silenciamento, que a todo custo produz mecanismos de interdição dos seus discursos. Dessa forma, perceber os contos que estão no acervo, permite ter uma reflexão que apesar das dificuldades, as narradoras se mostram resistentes e usam a linguagem literária para fazerem emergir suas vozes.

Souza (2009) aborda essa questão do acervo remetendo a modalidade escrita, desde que podem ser evidenciadas as rasuras e rascunhos no processo de criação do texto. Contudo, trazendo para meu estudo, na poética oral, as narradoras não fazem uso diretamente do papel e caneta no momento de criarem as narrativas, mas recorrem ao uso da memória que lhes dão aquilo que é necessário para repassar ao ouvinte a história a ser contada.

Como já dito, isso pode fazer relação ao fato que o acervo guarda memórias e, além disso, permite a revisitação e até mesmo revitalização de realidades às quais aquelas narradoras estavam inseridas, permitindo-nos ter um olhar analítico para aquilo que está sendo dito em suas produções que evidenciam as cenas da vida cotidiana dessas mulheres.

Outra questão levantada e pertinente trazer aqui é sobre a noção do saber institucionalizado no sentido das academias serem consideradas as únicas produtoras de conhecimento em detrimento de outros modos de produção. Com isso, Souza (2002)

vai falar sobre a crítica literária para além do contexto acadêmico e universitário. Dessa forma, a existência de acervos dentro da própria universidade, como no caso do AMTRO, já permite ter outro olhar no que diz respeito ao programa estar levando em consideração outras narrativas e obras para além daquelas canonizadas.

Mais um aspecto importante é encarar o texto literário percebendo suas relações com outros textos, em sua intertextualidade tanto com os textos do próprio acervo quanto aqueles oriundos de outros locais, bem como as relações com outros saberes e culturas, em sua interculturalidade. Tais noções serão discutidas ao longo da dissertação.

Após essas colocações, e principalmente a essa importância da construção e manutenção dos acervos, a partir daqui será posto o que foi possível perceber no AMTRO. Como coordenadora do acervo, a Prof^a. Dr^a Edil Silva Costa diz que:

A criação do Acervo de Memória e Tradições Orais na Bahia foi motivada não só pelo desejo de salvaguarda, mas, sobretudo, pela vontade de registro. Coletar, mas também analisar, interpretar, tentar desvelar que sentidos têm esses textos de cultura e descobrir os sujeitos que os narram. Registrar os textos da literatura oral e popular da Bahia, recortando a região de Alagoinhas, documentando o estágio da tradição oral e interpretando seus textos como forma de compreender o pensamento, os valores e modos de vida das comunidades tradicionais. (COSTA, 2016, p.59)

O Acervo fica localizado na Universidade do Estado da Bahia, no Campus II, em Alagoinhas, especificamente em uma sala do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós Crítica). A maior parte do material é formada por narrativas, depoimentos, cantigas, contos, etc. As versões transcritas dos mesmos estão dispostas em um armário simples de metal, o qual em seu interior

possui algumas divisórias, nas quais foram colocados separadamente cada material, ou seja, em uma divisória estavam os contos, em outra os depoimentos e assim por diante. Isso colabora no momento de buscar aquilo que se quer pesquisar no acervo. Além disso, cabe ressaltar que apesar da simplicidade do meio de arquivamento, tudo que está disposto ali mantém sua integridade no sentido de não estar deteriorado pelo passar do tempo. Resultado de esforços dos sujeitos que auxiliam em sua manutenção.

Fora as produções que já estão transcritas, existem aquelas que possuem suas versões em áudio, estando disponível em fitas que podem ser ouvidas em gravadores. Infelizmente, por conta do avanço tecnológico, nem todos os aparelhos de som captam tais fitas. Quando tive acesso ao acervo, apenas um desses aparelhos estava conseguindo realizar a leitura de fita cassete, felizmente, a maioria das mesmas foram digitalizadas e podem ser ouvidas no computador ou em aparelhos que tenham entrada para CDs.

Até aqui discorreremos sobre as versões escritas e em áudio. Indo além dessas, o acervo também conta com as versões digitais de vários materiais. Isso mostra que está acompanhando e se adequando ao contexto das novas mídias, permitindo assim que novos usuários e pesquisadores tenham acesso ao que disponibiliza o acervo. Contudo, por questões de controle e segurança, até o momento os materiais estão dispostos em um único computador utilizado pela coordenadora do acervo, sendo acessado pela mesma através de login e senha. Espera-se que com um maior apoio de pessoas especializadas e principalmente incentivo financeiro, possa ser criado uma espécie de site ou blog, no qual essas narrativas orais possam ser publicadas e melhor divulgadas para a comunidade acadêmica e sociedade em geral.

Quando tive acesso a esses materiais, busquei fazer um levantamento da quantidade de contos, por ser esse meu objeto de pesquisa. Em parceria com a coordenadora procuramos fichas que tivessem mulheres como narradoras. O Acervo conta com essas fichas nas quais constam algumas informações a respeito dos sujeitos narradores, como nome, cidade, idade, raça, etc. É relevante mencionar também sobre no momento da transcrição evitar o anonimato dos textos da tradição oral, isso porque cada sujeito apresenta sua versão de acordo com seu perfil e condição social no qual se insere. Sendo que um dos objetivos da criação do acervo, como apresentado na citação anterior, é justamente dar um maior destaque para os sujeitos que narram essas narrativas, logo, priorizando isso, teremos uma meta alcançada. O contexto de produção merece igual relevância para que sejam pensadas as influências desse ambiente nas narrativas produzidas.

Após isso, partimos em busca das produções. Cada uma dessas possuía uma espécie de código no qual era sinalizada a identidade da narradora, a fita e o lado da fita onde se encontrava o material que estávamos em busca, no caso, os contos. A maioria desses já estão transcritos, mas ainda existem aqueles que só possuem a versão em áudio, como dito anteriormente.

A partir desse levantamento inicial, foi possível observar que existem aproximadamente 238 materiais orais. Dos quais: 106 contam com a transcrição e áudio; 114 contam apenas com o áudio; e 11 estão com o áudio comprometido.

Dessa quantidade de materiais: 19 são contos, 06 desses transcritos e 13 apenas com o áudio. Ainda existiam fitas que não tinham feito parte desse levantamento inicial, das quais, uma possuía 24 materiais, dos quais 23 são contos (código EBR CLIV³);

³ Esse é um dos códigos especificados anteriormente, onde constam as informações sobre a narradora e localização da fita no Acervo.

outra possuía 13 materiais, dos quais 06 são contos (código EBR XXIII); e ainda 04 materiais, dos quais 03 são contos (código EBR XXIV).

Com isso em mãos, podemos perceber que a quantidade de material disponível é bastante ampla, porque além desses contabilizados, possa ser que ainda existam outros que tenham passado despercebido na contagem. Isso significa que não falta material para ser lido e analisado. Porém, por questões outras, faz-se necessário fazer um recorte, de forma que meu estudo em desenvolvimento não tenha como contemplar todas as narrativas do acervo. Contudo, poderá servir como mais uma evidência do que consta no mesmo e que outras pessoas possam se interessar e desenvolver outras pesquisas tendo como foco as narrativas do AMTRO.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como será discutido de forma mais ampla ao longo da dissertação, por ora é correto afirmar que as mulheres sempre estiveram ativas ao longo da tradição oral, mesmo quando ainda ocupavam apenas o papel de dona do lar, as mesmas tinham o costume de contar histórias para as crianças, fazendo com que essas narrativas fossem passadas para outras gerações. Com base nisso, se pensarmos na quantidade de produções com autoria feminina que ainda estão sendo descobertas, poderemos refletir acerca da possibilidade de investigar as representações trazidas nessas obras, problematizando assim, o lugar da mulher dentro dos enfoques literários e sociais.

A partir da observação do Acervo de Memória e Tradições Orais da Bahia foi possível perceber que pelo menos nos contos

contabilizados a autoria das narrativas é aproximada entre os gêneros masculino e feminino, sendo 26 contos narrados por homens e 22 narrados por mulheres. Então, constatou-se a permanência do feminino, ecoando suas vozes, produzindo sentidos e utilizando a linguagem literária como enfrentamento contra o silenciamento.

Sobre o próprio AMTRO enquanto lugar de preservação da memória cultural acredita-se que por possuir um amplo repertório oral, precisa ser mais evidenciado, de forma que seja revisitado tanto o lugar do acervo quanto os materiais disponíveis. Além de necessitar de um maior apoio financeiro para manutenção e organização do Acervo, o que pode colaborar com a preservação dessa fonte de pesquisas e da memória ali depositada.

REFERÊNCIAS

AMTRO (*ACERVO DE MEMÓRIA E TRADIÇÕES ORAIS DA BAHIA*). Alagoinhas: Universidade do Estado da Bahia/Campus II, 1998-2022. II.

AYALA, Maria Ignez Novais. *Algumas reflexões sobre formação de pesquisadores, documentação e procedimentos metodológicos*. In: Metodologia para pesquisa em culturas populares: uma experiência vivenciada. Organização de Maria Ignez Novais Ayala e Marcos Ayala – Crato: Edson Soares Martins Ed., 2015, p.25-37. Disponível em: <http://www.acervoayala.com>.

COSTA, Edil. Arquivos do pobre: considerações sobre culturas populares, memórias e narrativas. In: SANTOS, Osmar Moreira dos (org.). *Arquivos, testemunhos e pobreza no Brasil*. Salvador: EDUNEB, 2016, p. 51-62.

COSTA, Edil Silva. FRANÇA, Daiane de Araújo. *Por uma cartografia das poéticas da voz na Bahia: métodos de registro e interpretação*. In: Revista A cor das letras, n. 14, Feira de Santana, 2013. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/1462>

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2011.

MACÊDO, Silvana. *Mal de arquivo: a dinâmica do arquivo na Arte Contemporânea*. Revista Crítica Cultural, 2009, p.177-191.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica Cult*. Editora: UFMG, 2019.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica Genética e Crítica Biográfica*. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.4, n.2, 2009, p.129-138.

THOMPSON, Paul. *A memória e o eu*. In: *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p.197-216.